

Diário de Petrópolis, 30 de Maio de 2022.

## **As Razões da Desestabilização da Economia Global**

Por: Ronaldo Fiani

Algumas pessoas acharam a minha previsão de que a economia mundial está sofrendo um processo de desestabilização muito pessimista. Há razões objetivas para este diagnóstico. No artigo desta semana vou explicar que razões são estas. É importante destacar que não estou afirmando que a economia global está começando a passar por forte instabilidade com base apenas em impressões subjetivas. Trata-se de uma avaliação objetiva da natureza das relações econômicas no plano internacional.

Inicialmente, temos de entender como funciona qualquer tipo de crédito, como os empréstimos bancários. Quando uma empresa deseja concretizar um projeto de investimento, ela procura um agente financeiro, por exemplo, um banco, que lhe concede um empréstimo. Com este empréstimo o banco transfere dinheiro (em geral, credita a conta corrente da empresa no valor do empréstimo), em troca do compromisso por parte da empresa de pagar determinadas parcelas durante um dado período, que somadas são maiores do que o valor emprestado em razão dos juros.

Do ponto de vista econômico, o que está acontecendo é uma troca de dinheiro hoje por um fluxo de dinheiro no futuro. Os juros são o prêmio que o banco – o credor da empresa – cobra por abrir mão da liquidez que o dinheiro representa. O dinheiro é o ativo mais líquido que existe, pois é o único ativo que pode ser usado para pagar qualquer dívida e saldar qualquer compromisso. Quando um banco, ou um credor abre mão da segurança que a liquidez do dinheiro oferece, ele exige sempre um prêmio por isto, que são os juros. Isto vale para qualquer credor, mesmo que adquira um título de dívida emitido pela empresa.

Aqui temos um problema. Quem fornece um crédito para uma empresa está abrindo mão de dinheiro hoje em troca de uma promessa de receber dinheiro no futuro. Mas e se a promessa não se concretizar? Se o projeto de investimento da empresa não der certo? Para evitar que as coisas deem errado, os bancos têm setores de análise de crédito, que tentam avaliar os riscos e a capacidade da

empresa de honrar seus compromissos. Mesmo assim, algumas vezes falhas no pagamento acontecem: a ideia na verdade é minimizar a inadimplência, não eliminá-la.

Esta é uma descrição muito simples da natureza econômica do crédito. Agora é essencial que o leitor expanda este mecanismo não apenas para a sua cidade, ou a sua região, ou mesmo o seu país, mas para o mundo. Por exemplo, empresas na Ásia estão neste momento contraindo empréstimos de bancos internacionais, colocando títulos nos mercados da Europa e dos Estados Unidos. O mesmo vale para as próprias empresas europeias e norte-americanas. Como avaliar os riscos? Como garantir que apenas as empresas com bons projetos sejam financiadas?

Depois da crise de 2008 várias medidas foram tomadas para reduzir o risco em termos globais, como os famosos testes de estresse a que os bancos nos Estados Unidos e na Europa são submetidos, em que várias simulações buscam examinar a capacidade de os bancos resistirem à inadimplência. Estes testes visam a evitar uma crise financeira generalizada, quando a inadimplência promove um efeito dominó em que os bancos vão sendo sucessivamente afetados (até porque os bancos também emprestam uns para os outros).

Contudo, mesmo que a possibilidade de uma crise financeira global seja remota, a desestabilização em curso terá dois efeitos associados, muito importantes sobre a economia mundial: redução de crédito e baixo crescimento. Isto porque o conflito geopolítico em curso, em seus vários desdobramentos (crise comercial entre Estados Unidos e China, Guerra da Ucrânia, ameaça de embargo do petróleo da Rússia, redução da oferta de grãos da Ucrânia e Rússia etc.) está alterando os preços de dois itens básicos de qualquer processo produtivo: energia e alimentos.

A energia é fundamental para mover qualquer economia, e representa um item essencial dos custos de qualquer empresa. Já o preço dos alimentos entra indiretamente nos custos de todas as empresas, na medida em que elevações sucessivas dos preços dos alimentos acabam por deflagrar em algum momento aumento de salários. Caso esses aumentos salariais não compensem a elevação dos custos dos alimentos, o que pode acontecer, o custo para as empresas surge de outra forma, na forma de instabilidade social e política.

Em consequência, projetos de investimento que antes se mostravam rentáveis vão deixar de ser. Os índices de inadimplência vão aumentar mundo afora, e

com isto o crédito vai se reduzir e o crescimento econômico global (e também do comércio internacional) vai diminuir. Em função deste clima geral de insegurança, os poupadores internacionais vão preferir manter sua liquidez, isto é, seu dinheiro, ao invés de emprestá-lo para uma empresa em outro país. Esta tendência vai ser reforçada pela elevação da taxa de juros nos países desenvolvidos, adotada pelos bancos centrais de Europa e Estados Unidos para combater a inflação.

Qual o resultado de tudo isso? Inflação e baixo crescimento (a chamada “estagflação”), com redução do crédito global. Juntamente com o conflito geopolítico, isso significará maior instabilidade mundial. Tempos difíceis à frente.

Link para a matéria original:  
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-212052>